

A recepção e a atualidade da Filosofia da Educação produzida por Anísio Teixeira

Pedro Angelo Pagni*

Resumo:

Neste artigo, discutiremos a concepção de filosofia da educação de Anísio Teixeira, extraída das obras desse autor produzidas entre 1950 e 1960. Nosso propósito é o de analisar a recepção dessa concepção durante aquele período no contexto histórico brasileiro e a sua importância para o atual debate pedagógico e filosófico educacional desenvolvido no Brasil.

Palavras-chave:

Anísio Teixeira; Filosofia da Educação no Brasil; recepção do Pragmatismo no Brasil.

Professor do Departamento
de Administração e Supervisão
Escolar e do Programa de
Pós-graduação em Educação da
Faculdade de Filosofia e Ciências
da Universidade Estadual Paulista-
UNESP/Marília.
Doutor em Educação

Perspectiva. Florianópolis, v.19, n.2, p. 351-369, jul./dez.2001

1 Introdução

Poucos trabalhos têm procurado enfocar a dimensão filosófica e filosófica educacional do pensamento e da atividade intelectual desse educador baiano ou mesmo compreendê-lo como um dos filósofos da educação brasileira. Esta tem sido a preocupação central da pesquisa “Anísio Teixeira: produção, recepção e atualidade de uma filosofia da educação no Brasil”, que faz parte de um esforço mais amplo de reconstruir historicamente e discutir filosoficamente o processo de constituição da filosofia da educação no Brasil. São os resultados parciais dessa pesquisa que apresenta-se neste trabalho, que tem por objetivo: apresentar a concepção de filosofia da educação defendida por esse autor brasileiro durante os anos 1950 e 1960; assinalar os indícios de sua recepção nesse contexto e indicar alguns aspectos pelos quais ela ainda seria atual para o debate pedagógico e filosófico educacional, desenvolvidos no presente momento, no Brasil.

2 A configuração de uma filosofia da educação e as resistências renunciadas

Anísio Teixeira se contrapôs à concepção de filosofia, concebida como mero sistema de pensamento puro, retomando o sentido educativo da filosofia. Para o autor, esse seria o motivo pelo qual os primeiros filósofos foram os primeiros mestres, ao se deterem sobre os problemas culturais e educacionais de sua época para reformar a cultura e a educação. Nesse sentido, os sofistas e Platão são tomados por Teixeira (1969c,p.10-11) não como “reveladores da vida grega”, mas como reformadores que investiram “contra os costumes e as práticas correntes, tão hirtos e mortos que pareciam decorrer da adaptação cega do homem aos seus rudes apetites e necessidades, [eles] criaram virtualmente a sociedade dinâmica que se iria fundar na mudança e no cultivo da mudança”. Foi assim que o pensamento especulativo, “decorrente do desenvolvimento da língua e da simbolização geométrica, aliada ao secularismo da civilização grega”, teria dado origem ao pensamento filosófico em condições nunca antes imaginadas. As profundas formulações subseqüentes do pensamento filosófico, na reconstrução histórica desse pensamento desenvolvida pelo autor, citando Whitehead, consistiriam numa série de notas ao pensamento de Platão. Desse modo, de nada adiantaria

tratar da filosofia da educação em nossa época sem antes fazer um acerto de contas com o platonismo e a concepção de educação que engendrou ao longo de toda a história do pensamento ocidental, cristalizando-se sobretudo nas instituições escolares desde os tempos modernos.

Esse acerto de contas é feito por Anísio Teixeira na medida em que problematiza as dualidades em que se assentou o pensamento ocidental, desde Platão, no que diz respeito à separação entre natureza e cultura, entre conhecimento científico e pensamento especulativo. Para ele, teria cabido à corrente filosófica do pragmatismo superar essas dualidades e, particularmente a Dewey, a formulação de um método adequado para a reaproximação entre filosofia e ciência. Para Anísio Teixeira, caberia ainda à filosofia de nosso tempo realizar o que os cientistas vinham realizando, dependendo do envolvimento de inúmeras pessoas para tanto.

Esse trabalho ao qual se refere Anísio Teixeira é o da generalização do novo método do conhecimento humano desenvolvido por Dewey no campo da política, da moral e da organização social. Este seria o desafio das próximas décadas no campo da filosofia. Mas isso não ocorreria, segundo ele, sem ocorrer a transformação educacional postulada por Dewey, imposta pela “nova ciência do mundo físico” e do “humano e do social”. Levando em conta tais imperativos e buscando superar os velhos dualismos, Dewey teria formulado uma filosofia da educação com o intuito de promover a “unidade básica da personalidade em desenvolvimento” (TEIXEIRA, 1969c, p. 21).

Não obstante a transformação educacional pressuposta por essa filosofia da educação, esta não havia reformado o sistema educacional dos Estados Unidos nem mesmo de outros países, como o Brasil. Ao contrário, graças à persistência das velhas doutrinas pedagógicas e do platonismo que as sustentavam, a reação contra essa filosofia da educação e das mudanças do sistema educacional por ela pretendidas eram ainda evidentes, tanto no leste quanto no oeste. Antes dessa filosofia da educação e das transformações educacionais postuladas por Dewey se efetivarem, segundo Teixeira (1969) restaria resolver o problema de saber “se a conduta humana será suscetível de estudo científico”, já que para o filósofo norte-americano isso seria essencial para restabelecer “a eficácia da formação moral pela escola”.

Ora, analisar esse problema não significaria pressupor um dualismo platônico entre natureza e espírito, nem privilegiar uma idéia de

perfectibilidade da natureza humana, como fez Platão para designar o homem virtuoso; significaria buscar um critério naturalístico da moral nos termos postulado por Dewey, a fim de entender a continuidade entre natureza e espírito e unir o conhecimento e a virtude. Por essa razão, Teixeira (1969c, p. 22) compreende que o comportamento moral postulado pelo filósofo norte-americano é “aquele que leva o indivíduo a crescer, e crescer é realizar-se mais amplamente em suas potencialidades”. Mas tais potencialidades só se desenvolveriam em sociedade, dependendo do crescimento do indivíduo e do crescimento de todos os membros da sociedade, sem que o crescimento singular prejudique o crescimento geral e vice-versa. Com esse critério “naturalístico da moral”, estariam abertas as possibilidades de seu estudo científico e, conseqüentemente, da “generalização de processos de conduzir a educação de forma objetiva e científica”. Assim, seria possível conhecer os problemas que emperram o crescimento e o desenvolvimento das potencialidades humanas, por intermédio da extensão do procedimento empírico ao campo da moral e da sociedade, mas o que determinaria o seu sentido seria sobretudo a atitude filosófica, o pensamento.

Depois de ter definido a educação enquanto uma arte que dependeria mais da filosofia do que de ciência, Anísio Teixeira desenvolve essas considerações, durante os anos 1940. Contudo, reconhece as objeções filosóficas que se levantam, no contexto dos anos 1960, às teses pragmatistas. Ele se refere sobretudo à objeção dos “filósofos ingleses atuais”, como Bertrand Russell, que insinuam que Dewey restabeleceria assim o velho dualismo kantiano entre a razão pura e a razão prática. Mas ele entende que as críticas a essa possibilidade aventada pela filosofia e pela filosofia da educação de Dewey ocorrem porque os “filósofos ingleses atuais” ignoram a vinculação da moral e da conduta com um conceito integral de sociedade e, sobretudo, com o fenômeno da democracia. Afinal, entedia que as deformações geradas pelos dualismos e, sobretudo, pela natureza mecânica do progresso material não fizeram outra coisa senão desenvolver um individualismo mais econômico do que uma sociedade democrática que respeita as individualidades. Por essa razão, conforme Teixeira (1969c, p. 24-25), “todo o grande problema contemporâneo continua a ser o da organização da sociedade democrática, com uma filosofia adequada, em face dos novos conhecimentos científicos, das novas teorias do conhecimento, da natureza, do homem e da própria sociedade democrática”. Para

ele, ainda, essa filosofia já estaria contida na própria filosofia de Dewey e se implementaria na e pela educação. Contudo, reconhece que todas as filosofias e suas formulações teóricas ocorrem sempre *a posteriori*, sendo mais explicações ou justificações das culturas existentes ou predicções para a reforma destas e, neste último caso, depende de longos esforços e lutas. As resistências que se observavam nesse momento, na educação institucionalizada, à ação das novas idéias e teorias não seriam senão parte de um processo que só lentamente será revertido, até se chegar efetivamente a “constituir a verdadeira aplicação da nova filosofia democrática da sociedade moderna”. Desse modo, Anísio Teixeira nutre a expectativa de que a filosofia e a filosofia da educação que professa terão sucesso na civilização atual, não obstante os obstáculos que têm enfrentado.

3 A recepção da filosofia da educação produzida por Anísio Teixeira

Durante os anos 1930, a dimensão filosófica das propostas educacionais e da filosofia da educação esboçada por Anísio Teixeira parece ser pouco percebida entre os “educadores profissionais” e os professores. Mesmo dentro do movimento intelectual pela *Escola Nova* no Brasil, segundo Pagni (200) parece prevalecer muito mais a visão de Fernando de Azevedo em relação ao papel da filosofia e da sociologia na definição dos fins da educação do que a filosofia da educação de Anísio Teixeira. Mais do que isso, dentro dos cursos de formação de professores nas Escolas Normais, a disciplina História e Filosofia da Educação, ainda parecia ter uma forte vinculação com as doutrinas filosóficas cristãs ou então com uma tradição em que se ensinava história da filosofia, abordando os grandes sistemas filosóficos e deduzindo deles uma filosofia da educação. Parecia entender-se, assim, o caráter formativo dessa disciplina, quase enciclopédico, contrapondo-se assim a idéia e o espírito do que seria filosofia da educação para o pragmatismo deweyano, nos termos interpretados por Anísio Teixeira no Brasil.

Não foi por acaso que, no artigo “Filosofia e Educação”, Anísio Teixeira chamou a atenção para as incorreções acerca da apropriação do pragmatismo no Brasil e, sobretudo, da resistência à sua implementação entre os educadores brasileiros. De acordo com o próprio Teixeira (1969c, p. 21-22), a identificação do pragmatismo com a frase “saber é o que é útil” teria concorrido para

incompreensões, deformações e críticas das mais lamentáveis, deformando a principal iniciativa de John Dewey, que foi a de “integrar os estudos filosóficos de nossa época aos estudos de natureza científica”, propondo a produção do saber baseado na experiência, na hipótese, na verificação e na revisão constante de suas conclusões. Conforme Cunha (2000), ainda, Anísio Teixeira escreveu em vários periódicos importantes da época, artigos e ensaios denunciando as distorções na interpretação da filosofia de John Dewey no Brasil, tanto quanto as dificuldades de penetração entre a intelectualidade e os educadores brasileiros da concepção de filosofia da educação do filósofo americano. Embora Anísio Teixeira fosse aquele intelectual brasileiro que mais havia se destacado pela difusão do pensamento de John Dewey no Brasil, haveriam ainda outros intelectuais ou educadores profissionais que chamaram atenção para as nuances e incorreções da recepção do pragmatismo no país, como Lourenço Filho, João Roberto Moreira e Jayme Abreu nos seguintes periódicos: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Educação e Ciências Sociais e Pesquisa e Planejamento*. Certamente, essa constante necessidade de corrigir as distorções com o que o pragmatismo foi compreendido no Brasil sinalizam uma resistência à penetração da filosofia e da filosofia da educação de John Dewey, mesmo no campo educacional. Talvez isso se justifique pela “tendência à sociologização do pensamento pedagógico brasileiro”, diagnosticada por Pereira (1967, p. 155-167) nas pesquisas em e sobre educação, desenvolvidas durante os anos 1950.

Sabe-se, ainda, que um dos responsáveis pela difusão da sociologia moderna entre os educadores por protagonizar a introdução da sociologia da educação no Brasil foi Fernando de Azevedo, com a publicação de seu livro *Sociologia Educacional*, em 1940. É possível que Fernando de Azevedo tenha reforçado a tese da necessidade da constituição da Ciência da Educação, nos termos propostos por Durkheim, como eixo de uma reflexão pedagógica baseada na sociologia e na psicologia, que parece ter sido bastante influente no âmbito das pesquisas educacionais desenvolvidas no período. Essa perspectiva parece ter escapado, parcialmente, da mentalidade dos professores e dos cientistas sociais que se dedicaram a investigar os fenômenos educacionais durante os anos 1950, em razão da “tendência à sociologização do pensamento pedagógico brasileiro”. No que diz respeito à formação do professor, também, tal perspectiva aparece com frequência no ensino da disciplina Filosofia da Educação, justamente no momento em que esta começa a se institucionalizar nas universidades brasileiras.

Se até 1930 a disciplina História e Filosofia da Educação se constituía num conteúdo formativo importante para a formação dos professores nas Escolas Normais, entre os anos 1940 e 1960, ela começa a ser oferecida como disciplina obrigatória dos cursos de formação de professores dos Institutos de Educação ou como disciplina optativa dos cursos de Filosofia. Embora gradativamente essa disciplina seja designada como Filosofia da Educação nesses cursos, o seu ensino também se desenvolveu em estreita ligação com a história das idéias e, principalmente, com a mesma perspectiva antes citada de que caberia a ela definir os fins e os valores imutáveis para a educação, tanto quanto servir como um dos conteúdos formativos da formação dos professores, com o intuito de oferecer-lhes uma visão de vários sistemas filosóficos ao longo da história, deduzindo deles suas implicações educacionais e, nesse exercício, compreender dentro dessa visão histórica do todo, o papel atual da educação. Essa disciplina, conforme Tomazetti (2000), forneceria uma visão e, juntamente com outras, uma formação geral em matéria de educação, necessária ao ofício do professor para que este compreendesse a especificidade de seu trabalho num registro histórico e filosófico mais amplo, ao qual concorriam também o conhecimento de outras ciências humanas.

Anísio Teixeira, entre outros, destacou-se por insistir nessa resistência à recepção do pragmatismo no Brasil enquanto uma filosofia da educação, por excelência, tanto quanto em denunciar o caráter metafísico e fundamentador da filosofia e filosofia da educação professadas e ensinadas, devido a influência européia, de origem alemã e principalmente francesa. Aliás, nesse momento de institucionalização da disciplina Filosofia da Educação, observa-se seu estreito vínculo com a filosofia acadêmica e, como era comum à época, ao ensino de história da filosofia. Já que o aprender a filosofar estava sob suspeita, fazer filosofia da educação tratando dos problemas presentes seria uma heresia, restando apenas tratar da história da filosofia da educação ou dos sistemas pedagógicos pelos professores responsáveis por essa disciplina. Afinal, os professores responsáveis pela cátedra de Filosofia da Educação em algumas universidades brasileiras compreendiam ser necessário retomar, no curso de formação de professores, a concepção da educação enquanto *Paidéia* ou *Bildung*, tornando essa disciplina como parte da formação geral desse profissional. É bastante provável que o ensino de Filosofia da Educação nas cátedras das universidades brasileiras estivesse bastante presos à tarefa

de ilustrar e de promover a pedagogia do *Aufklärung* tanto quanto à de responsabilizar-se pela formação geral do professor que, por sua vez, seria um dos responsáveis pela formação da cultura, pela reforma moral e psicológica da população brasileira, promovendo a identidade necessária para a constituição do país enquanto nação.

É difícil saber o significado que esse discurso metateórico tipicamente moderno, em que consistia a filosofia da educação, tinha à época para os professores formados nas instituições de ensino superior e, sobretudo, suas implicações no trabalho pedagógico. Mais do que isso, a insistência na idéia de formação geral dos professores a fim de que formasse a cultura nacional e criasse a identidade moral e psicológica da população por intermédio da escola é, no mínimo discutível, diante do desenvolvimento industrial observado nos anos 1950 e 1960, tanto quanto da propagação dos meios de comunicação de massas, que tinham uma outra conotação: menos formativa e mais informativa, menos transmissora da cultura erudita e mais difusora do entretenimento e da propaganda. Contudo, a geração de intelectuais desse período e, sobretudo os professores universitários, ainda acreditavam na constituição de uma cultura nacional própria e na consolidação de um Estado Nacional autônomo, considerando que os vários ramos do conhecimento acadêmico poderiam auxiliar teórica e praticamente nesse projeto nacional, tirando o país do atraso e livrando sua população da ignorância, aos moldes do que já havia ocorrido em outros países da Europa e nos Estados Unidos, tidos à época como exemplos de modernização.

Essa mentalidade não era diferente entre os professores que assumiram a cátedra de Filosofia da Educação em algumas universidades brasileiras, mas mantinham o ensino dessa disciplina, que consideravam imprescindível à formação geral do professor, dentro dos cânones da filosofia acadêmica, buscando tratar de um modo erudito os sistemas filosóficos e a história das idéias pedagógicas. Afinal, acreditavam que a Filosofia da Educação poderia proporcionar uma visão universal e cosmopolita acerca da educação para os professores, dando-lhes autonomia para escolher o sistema que mais lhe conviesse e, a partir dele, pensar os problemas sociais e educacionais brasileiros. Independente da formação ou não em Filosofia, o ensino dessa disciplina pelos catedráticos oscilava entre a história da filosofia e das idéias pedagógicas, o tratamento de alguns temas da filosofia e das ciências da educação e a pregação de uma doutrina que

fundamentasse a prática pedagógica dos professores. Pode-se dizer, ainda, que o ensino da Filosofia da Educação nos Cursos de Filosofia ou de Pedagogia tinha por referência a historiografia da filosofia e os manuais de pedagogia europeus, principalmente, franceses e alemães, com forte resistência à filosofia inglesa e americana.

Todavia, nas produções teóricas de Anísio Teixeira desse mesmo período, observa-se a insistência em difundir no Brasil a filosofia americana, ainda que com uma certa resistência às críticas ao pragmatismo provenientes dos filósofos analíticos ingleses. Embora Anísio Teixeira contemplasse nessas produções teóricas, citadas em muitos programas dessa disciplina entre 1940 e 1960, a história da filosofia através da narrativa de John Dewey, Whitehead e outros, a sua preocupação central era tratar dos problemas culturais e educacionais presentes, fazendo filosofia da educação ao invés de escrever uma história da filosofia da educação. Mesmo assim, ele não parecia pensar em um ensino de filosofia da educação nos cursos de Filosofia ou de Pedagogia que desprezasse a história da filosofia e a história da filosofia da educação, mas apenas que essa disciplina deveria ser ensinada de modo a garantir que os seus alunos pudessem refletir e propor alternativas sobre os problemas decorrentes da prática ou do trabalho docente, ou então, sobre os problemas atinentes à própria vida contemporânea. Anísio Teixeira parecia considerar artificial demais e fruto de uma certa vinculação à metafísica ou à filosofia tradicional essa separação entre história da filosofia e o exercício filosófico. Nesse sentido, a filosofia da educação professada por ele parecia evitar os problemas postos pela institucionalização da Filosofia e da Filosofia da Educação no meio acadêmico, tentando pensá-las num sentido menos canônico, associado à vida e aos problemas contemporâneos dela decorrentes, entre eles os problemas educacionais. Assim, procura buscar as bases lógicas ou epistemológicas da pesquisa em educação, os limites morais da prática pedagógica e a intransigente defesa de uma educação para a democracia, tendo por referência a filosofia e a filosofia da educação americana, mas tratando de problemas que emergem do próprio desenvolvimento do campo educacional e do contexto cultural brasileiros.

Essa iniciativa de Anísio Teixeira representou uma tentativa de conceber a filosofia da educação como inseparável dos problemas práticos do trabalho pedagógico e, sobretudo, como tendo um papel importante,

conjuntamente com as ciências da educação, na formação dos professores, na medida em que possibilitaria formar um professor minimamente capaz de refletir sobre sua própria prática e enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Vale observar que, a essa época, o ensino e as produções teóricas em filosofia da educação mantêm ainda uma estreita vinculação com o ensino e a produção acadêmica em Filosofia, por intermédio da historiografia da filosofia francesa, da filosofia alemã ou da americana, algo que vai se perdendo após as décadas de 1960 e, principalmente, de 1970 no Brasil. De um lado, tal mudança ocorreu em virtude da autonomização das ciências da educação e, sobretudo, de uma ênfase cada vez maior da formação profissional dos professores, que começaram a ter por base a psicologia e as técnicas de ensino, considerados como matérias úteis e instrumentais para este propósito. De outro lado, a autonomia do ensino dessa disciplina e da produção acadêmica em filosofia da educação deveu-se à própria autonomia da Filosofia, enquanto disciplina e campo acadêmico, por centralizar-se mais na Filosofia das Ciências, na História da Filosofia e no que se chamava de filosofia pura, em geral, preconcebendo a filosofia da educação como uma discussão filosófica de segunda categoria, por ser muito mais atinente à discussão pedagógica, em seu sentido estrito de discussão didática sobre métodos e técnicas de ensino. Desse modo, os professores da disciplina e os pesquisadores em Filosofia da Educação, conforme sua formação, mantiveram o tipo de ensino e de pesquisa forjados pela tradição, em que a filosofia da educação era entendida como a dedução dos sistemas filosóficos, ou então cederam ao praticismo e ao cientificismo próprios à formação dos professores nos cursos de Pedagogia – durante os anos 1960 e, principalmente, 1970 – e às produções acadêmicas em ciências da educação ou pedagogia.

4 A atualidade da filosofia da educação produzida por Anísio Teixeira

Certamente, esse praticismo e cientificismo não possuem qualquer relação com o pragmatismo e sequer com a filosofia da educação de Anísio Teixeira; ao contrário, representam seu completo desconhecimento ou esquecimento. Durante os anos 1960, Anísio Teixeira tentou divulgar esses valores e praticar sua filosofia por intermédio de um estilo próprio

expresso em suas obras, produzindo uma narrativa capaz não apenas de esclarecer ao leitor, como também levá-lo a aprender a filosofar sobre os mesmos problemas refletidos e analisados em sua obra, sem contar que procurou pensar uma filosofia da educação para professores. Estrategicamente, procurou concentrar sua atividade na formação dos futuros professores, insistindo em que eles aprendessem a filosofia expressa em suas obras e, sobretudo, aprendessem a fazer filosofia da educação, propondo a formação de um professor reflexivo e capaz de propor saídas práticas para essa arte, em que afinal consiste a atividade desse profissional. Aliás, essa seria a condição de efetivação de sua filosofia da educação, a saber, que ela fosse adotada pelos professores e, conseqüentemente, levada para o exercício da atividade educativa, especialmente na instituição escolar.

Essa tentativa de renovar a atitude filosófica e a estratégia adotada por Anísio Teixeira para implementar sua filosofia da educação são ainda bastante atuais na medida em que as produções teóricas do autor insistem em que os próprios professores reflitam teoricamente sobre os problemas próprios da cultura e da educação brasileira, contrapondo-se ao automatismo e ao uso cego das técnicas que caracterizam a prática pedagógica existente nas escolas brasileiras. Mas quais seriam esses problemas? Os problemas filosóficos a serem refletidos pelos professores poderiam ser os mesmos problemas éticos, políticos e, sobretudo, epistemológicos tratados pela filosofia da educação, produzida por Anísio Teixeira, que não parecem muito distantes de nosso tempo. Isso porque os problemas da crise dos valores humanos e da democracia, diante do processo de industrialização, seriam temas a serem tratados pelos professores em sua atividade educativa. Para tanto, ele teria considerado necessário que esses profissionais fossem capazes de compreender esses problemas através do conhecimento científico e transmiti-los por intermédio de técnicas de linguagem e de ensino apropriadas, a fim de que seus alunos reagissem de modo a tornarem-se conscientes desses problemas éticos e políticos, adquirindo outra educação moral e experimentando outro tipo de convivência lingüística e societária capaz de reorientar as formas de vida social e de relacionamento com a cultura. Nesse sentido, os professores deveriam ser capazes de conhecer esses problemas e as técnicas de transmissão de um saber científico comum, produzido sobre eles, que eventualmente poderiam esclarecer aos destinatários dessa comunicação, como também refletir sobre as possibilidades de solucioná-los.

Aos professores não bastaria apenas que tivessem, para isso, um bom conhecimento teórico, mas deveriam ter a capacidade de refletir sobre as singularidades de sua própria atividade profissional, sobre as questões decorrentes do insucesso constante do empreendimento educativo, sobre a técnica e as vicissitudes ou indeterminações que constituem a própria natureza da atividade de ensino. E, mais do que isso, caberia a esses profissionais resolver essas questões técnicas e determinar a atividade de ensino, conferindo-lhe um sentido humano que não contrariasse a vida e a experiência comum e que fosse a socialização mesma do exercício da atividade filosófica de refletir radicalmente o tempo presente. Nesse sentido, o perfil desse profissional seria o próprio perfil daquele que faz filosofia da educação na sua experiência cotidiana e, no limite, promove a capacidade de aprender a filosofar sobre o tempo presente, socializando-a e promovendo a constituição de um ambiente de comunicação sem violência, propício ao desenvolvimento da democracia.

Esta perspectiva filosófico-educacional e este perfil profissional para o professor, sem dúvida, poderiam ser considerados também como uma alternativa ao debate pedagógico atual acerca da formação do professor. Afinal, ele confere não apenas um lugar específico para a filosofia da educação no processo de formação de professores, como também propõe uma alternativa epistemológica às discussões correntes sobre o assunto, alternativa esta que não afastaria a atividade pedagógica daquilo que parece caracterizá-la: a prática, por intermédio do uso do conhecimento científico e da técnica, além da reflexão filosófica acerca dessa mesma atividade. Mais do que isso, essa alternativa poderia livrar-nos do praticismo e do tecnicismo presentes na tradição dos cursos de formação de professores no Brasil, além do cientificismo existente no debate pedagógico, por intermédio da reaproximação deste à reflexão filosófica. Desse modo, a alternativa contida nas produções teóricas de Anísio Teixeira poderia indicar, com maior precisão, o que é conhecido como ciência da educação, os limites desta para tratar a atividade educativa e, principalmente, para constituir os eixos da formação docente, conferindo uma maior legitimidade epistemológica a estas últimas, para além dos discursos políticos normalmente em voga sobre o assunto.

Contudo, vale lembrar que, ao privilegiar o aspecto epistemológico, a filosofia da educação, produzida por Anísio Teixeira, não o compreendeu como dissociado dos problemas ético e político do mundo atual, assim como

das implicações destes para o humanismo pedagógico e para uma educação para a democracia. As produções teóricas de Anísio Teixeira detêm-se sobre o problema da crise dos valores espirituais existentes na sociedade industrial e propõem que se pense não em retomar os antigos valores, mas em criar novos, atendendo às demandas da civilização atual. Sua interpretação sobre este problema torna-se mais sofisticada quando revê a crença incommensurável no progresso da civilização, entendendo que o desenvolvimento científico e tecnológico também havia promovido a deterioração da cultura e o sentimento de mal-estar pela pressão da sociedade industrial exercida sobre os indivíduos. Este parece ser outro problema bastante atual ou, ao menos, é assim considerado por ser assunto constante nas discussões em filosofia da educação desenvolvidas atualmente no Brasil.

No momento em que a crítica teórica à cultura e à formação cultural desenvolvida pelos frankfurtianos prevalece no cenário filosófico-educacional brasileiro, não obstante o atraso com que ela tenha chegado no Brasil, esse alerta pode auxiliar a relativização da reflexão sobre os limites da cultura e da formação cultural na sociedade administrada, muitas vezes entendida como a única que espelhará a verdade acerca do tema, contradizendo os próprios argumentos desses filósofos. Afinal, a filosofia da educação produzida por Anísio Teixeira pode indicar um outro modo de reflexão sobre os limites da cultura e da formação cultural atual, mais edificante do que a dos frankfurtianos, na medida em que procura uma saída afirmativa para esses problemas atuais, dentro do espírito do pragmatismo.

O que se sabe é que o problema da cultura e da formação cultural atual foi explicado por Anísio Teixeira a partir das contribuições de McLuhan, em especial a sua reflexão acerca do impacto das novas tecnologias sobre a cultura escrita e a sua transmissão, e o impasse provocado em torno da tecnologia da linguagem. Recorrendo a esse autor, Teixeira (1970,p.244-248) procurou legitimar as teses contidas na lógica de Dewey, afirmando que o problema não seria a ciência e a tecnologia em si, mas o uso que os homens dela faziam, dissociando-as de seu sentido humano e da necessidade de seu controle. Para ele, esse sentido humano e controle sobre a ciência e a tecnologia só seriam possíveis por intermédio da linguagem. Mas não se tratava mais de compreender a linguagem como algo dissociado e independente de seu sentido moral e social, como um estudo lógico – nos termos da lógica tradicional e da lógica simbólica em evidência à época. Tratava de compreender as vicissitudes históricas da cultura, tornando-as

conscientes, e de definir o sentido comum da linguagem e do uso que ela fazia dos símbolos no presente, reconhecendo os seus limites e as suas possibilidades criativas para empreender um outro sentido que aprimorasse a vida humana, individual e coletiva.

Embora Anísio Teixeira reconhecesse que este outro sentido fosse provisório e sujeito à avaliação sobre sua pertinência e eficiência num contexto determinado - a sociedade industrial - não haveria como não integrar a esse sentido e linguagem comum a ciência e a tecnologia, reconhecendo principalmente os benefícios que seu uso poderia trazer para o aprimoramento e a melhoria da vida humana. Os critérios a serem estabelecidos para submeter a produção da ciência e da tecnologia a esse controle social, porém, só poderiam ser os mesmos decorrentes de seu uso e de sua performance, sendo necessário para tanto que fossem socializados os seus resultados, a fim de que pudessem ser avaliados e, caso considerado necessário, revistos quanto ao seu uso, conforme os fins provisórios definidos por uma dada comunidade. Estes seriam os postulados da produção e da transmissão de uma cultura, que não se dissociasse da ciência e da tecnologia, mas tornasse conscientes os limites destas últimas, tomadas automática e cegamente, sem a linguagem e a consciência necessárias à formação desse sentido humano e do indivíduo autônomo, capaz não só de conformar-se ao existente, mas também de transformá-lo, sobretudo no que diz respeito à melhor convivência entre os homens.

Se as suas produções teóricas trazem a evidência de uma admiração pela democracia existente nos Estados Unidos, tomando-a até como medida para julgar e projetar os futuros passos do desenvolvimento social e político brasileiro, após os anos 1940, Teixeira, (1969b, p. 219-20) começou a tomar a democracia não apenas em seu sentido real, como também em sua dimensão utópica, como algo a ser alcançado nas sociedades ditas afluentes e também nos países subdesenvolvidos. A ênfase nesta concepção de democracia política, como uma utopia ou um projeto, levou ainda em conta a sua concepção de educação para a democracia, nos termos antes apresentados. Essa concepção incluiu não somente a capacidade de experimentar a democracia na escola, permitindo a revisão dos valores morais pelas novas gerações, mas compreendeu também que a realização da utopia democrática dependeria também de situações como a desenvolvida nessa instituição, onde se experimentaria uma relação e um tipo de comunicação entre os homens destituída de violência.

As proposições de Anísio Teixeira poderiam ser consideradas aqui como um contraponto e, quem sabe, uma alternativa à formulação frankfurtiana sobre o assunto. Certamente, não estou dizendo que a posição de Anísio Teixeira, em relação ao assunto, deveria ser tomada cegamente, nem como uma proposição superior à dos frankfurtianos; e sim que ela reabriria uma outra perspectiva para se discutir e investigar o assunto. Porém, considero também que esta posição poderia ser questionada, ao se ponderar sobre a incapacidade dos indivíduos em fazerem experiências no mundo contemporâneo, sobre a presença de tendências autoritárias mesmo na democracia atual, sobre o empobrecimento da linguagem e a despotencialização da capacidade desta de atribuir algum significado às coisas nos dias de hoje, nos termos da crítica teórica dos frankfurtianos. Tais questões poderiam colocar em xeque a posição teórica e as proposições de Anísio Teixeira sobre as possibilidades de criar e de comunicar um novo humanismo, que integrasse cultura e técnica, e conferir um outro significado à formação cultural, ao integrar formação e informação. Mas, colocando essas questões para o autor, decorrentes do debate filosófico e filosófico-educacional alemão, também se poderia verificar sua pertinência para tratar a cultura e formação cultural brasileiras, sobre a qual se deteve especificamente a filosofia da educação produzida por Anísio Teixeira. Isso poderia auxiliar a compreender o significado da filosofia da educação produzida por Anísio Teixeira ante os problemas práticos que emergem de sua própria atividade intelectual, recolocando o problema da relação entre teoria e prática não em termos meramente abstratos, mas tendo por referência os problemas culturais e educacionais brasileiros, para os quais busca alternativas concretas de equacionamento.

A alternativa teórica proposta por Anísio Teixeira foi a de se contrapor a toda e qualquer forma de platonismo, apontando meios mais adequados à reflexão filosófica do tempo presente, sobretudo para entender os problemas decorrentes da própria prática cultural e educacional, nos termos expressos pelo pragmatismo. Não me refiro aqui à interpretação acerca do pragmatismo que Anísio Teixeira desenvolveu no início de sua carreira intelectual, mas à desenvolvida por ele no final de sua carreira, quando seu discurso aproximou-se mais da filosofia a partir da teoria da investigação de John Dewey e da sua leitura de Whitehead. Sob este prisma, a produção da filosofia da educação de Anísio Teixeira se aproximou do debate filosófico e filosófico-educacional produzido em outros países, sobretudo nos Estados Unidos e nos países de língua inglesa, durante os anos 1960.

No debate ocorrido nesses países teria ocorrido o que os pesquisadores ingleses denominaram de revolução em filosofia da educação. Isso teria ocorrido graças não só à institucionalização desta, enquanto disciplina, como também à profissionalização dos estudos e das pesquisas nesse eventual campo, ocorrida em razão da proximidade da análise dos conceitos, temas e problemas educacionais dos recursos próprios ao ofício do filósofo, sobretudo dos filósofos analíticos ingleses (SMEYERS e MARSHALL, 2000, p. 90-102; BARCELA ORBE e CANTERO, 1990, p. 229-42). A produção de Anísio Teixeira sobre o assunto aparece em oposição às análises, aos temas e problemas da filosofia analítica da educação, embora talvez visse com simpatia a institucionalização da disciplina e a profissionalização do campo Filosofia da Educação. Isso porque os principais expoentes desse movimento na Inglaterra se apropriaram da análise lógica, tentando encontrar um sentido privado para a linguagem, objetivo, abordando temas e problemas distintos dos do senso comum e estabelecendo uma hierarquia dos conhecimentos ou saberes questionada por Anísio Teixeira. Ele talvez questionasse, através de sua filosofia da educação, a forma como esses procedimentos analíticos foram transportados para refletir temas e problemas educacionais, restringindo-se à elaboração de conceitos e de habilidades taxionômicos e concentrando-se na esfera teórica ou simplesmente lógica, contradizendo assim a própria natureza prática da educação, a artística e, principalmente, conferindo à filosofia da educação um *locus* meramente teórico na constituição dos saberes pedagógicos. Mais do que isso, ele certamente apontaria a dissociação dessa filosofia dos aspectos sociais.

A sua filosofia da educação, conforme Barcela Orbe e Cantero, 1990, p. 229-242) parece estar, assim, mais próxima das críticas e das alternativas propostas que se processaram durante o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, quando a filosofia analítica da educação passou a ser questionada justamente sobre essa ênfase à formulação de conceitos e de teorização, além do afastamento das questões decorrentes da prática e da atividade educativa. Tais críticas foram desenvolvidas tanto por aqueles que começaram a analisar os temas e problemas educacionais dentro dessa mesma perspectiva filosófica educacional, porém a partir da leitura do “segundo Wittgenstein”, aderindo de acordo com Smeyers e Marshall (2000, p. 111-112) à *linguistic turn* e à pragmática da linguagem, quanto por pesquisadores alheios a essa perspectiva, com o intuito de conferir uma dimensão social e política à filosofia da educação a partir da filosofia

social contemporânea. Vários filósofos contemporâneos levaram em conta a filosofia da linguagem wittgensteiniana, estendendo-a para a discussão de problemas epistemológicos, políticos e éticos, tanto nos países de língua inglesa quanto em outros países europeus e nos Estados Unidos, como foi o caso de Habermas, Lyotard, Rorty, entre outros.

Sabe-se que Anísio Teixeira não conheceu profundamente a obra de Wittgenstein, elegendo apenas Bertrand Russel como o principal interlocutor do pragmatismo. E, também, sequer imaginou o que seria tratado, posteriormente, como condição pós-moderna. Contudo, embora a tentativa de constituir um novo humanismo pareça revelar uma face moderna da filosofia da educação de Anísio Teixeira e estivesse mais próximo das proposições do “velho pragmatismo”, muitas de suas teses se aproximam bastante daquilo que Lyotard ou Rorty escreveram sobre a cultura e a educação no mundo atual. Nesse sentido, alguns trabalhos recentes têm tratado do pensamento de Anísio Teixeira a partir dos problemas colocados por autores como Habermas, Lyotard e Rorty. Exemplos disso são os artigos de Medeiros e Martins (1995, p. 79-108), que procurou analisar a obra de Anísio Teixeira a partir dos problemas postos por Habermas, e de Ghirdelli Júnior (2000, p. 23-38), que analisou a atualidade da filosofia da educação do autor brasileiro a partir da perspectiva de Lyotard e Rorty, destacando sua proximidade com temas e alternativas pós-modernas. Estas leituras sobre a atualidade da obra ou da filosofia da educação de Anísio Teixeira são interessantes, sobretudo se forem consideradas as suas produções teóricas escritas após 1940, na medida em que revitalizam o pensamento desse intelectual brasileiro, colocando-o na discussão sociológica ou filosófica contemporânea.

Sob os diferentes aspectos supra citados seria possível reconhecer a atualidade da produção teórica de Anísio Teixeira, inserindo-a no debate pedagógico, filosófico-educacional e filosófico desenvolvidos no Brasil. Retomar tal produção teórica, como sendo atual, seria privilegiar o pensamento e a atividade intelectual de Anísio Teixeira, consagrando não só aquele que tratou dos problemas singulares da cultura e da educação brasileiras, como também aquele que produziu uma filosofia da educação. Lembrar essa filosofia da educação, investigar como foi recebida e pensar sob que aspectos poderia ser retomada como atual, foi a maneira encontrada aqui para reconhecer a importância de Anísio Teixeira como um filósofo da educação brasileira e para destacar o seu papel na constituição da filosofia da educação no Brasil.

Referências

BARCENA ORBE, F.;CANTERO, F.G. La Filosofía de la Educación en el Reino Unido. In: __. et. al. *La Filosofía de la Educación en Europa*. Madrid: Editorial Dykinson, 1992. p.229-246.

CUNHA, M.V. O mundo em movimento: John Dewey em periódicos educacionais brasileiros. In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, 2000*, Caxambu. Anais... Caxambu: Anped, 2000. (disponível em cd-rom).

MEDEIROS, M. F.; MARTINS, A. M. P. O educador negado: reflexões e possibilidades de resgate do pensamento pedagógico de Anísio Teixeira. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 79-108, 1995.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. A filosofia da educação de Anísio Teixeira no mundo atual. In: *Filosofia da Educação e Ensino*. Ijuí: Editora Unijuí, 2000. p. 23-38.

PAGNI, P. A. *Do “Manifesto de 1932” à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000b.

SMEYERS, P.; MARSHALL, J. A filosofia da educação no fim do século XX. GHIRALDELLI JÚNIOR, P. (Org.) *O que é Filosofia da Educação?* Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 89-120.

TEIXEIRA, Anísio. Democracia e educação. In : _____. *Educação e o Mundo Moderno*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1969a, p. 205-221.

_____. *Educação Progressiva* introdução à filosofia da educação. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1950.

_____. Filosofia e educação. In : _____. *Educação e o Mundo Moderno*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969 b. p. 9-25.

_____. Mestres de amanhã. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógico*, Rio de Janeiro, v.40, n.92, out./dez. 1963b. p.10-19.

_____. O pensamento precursor de McLuhan. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.54, n.119, p.242-248, jul./set. 1970.

TEIXEIRA Anísio. O problema de formação do magistério. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.46, n.104, p.278-287, out./dez. 1966.

TOMAZETTI, E. M. *Filosofia da Educação: uma contribuição à compreensão de seu percurso no campo educacional*. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

Abstract:

In this article, we discuss Anísio Teixeira's conception of philosophy of education, extracted from works of this author produced between the fifties and the sixties. Our aim is to analyze both the receptivity of his conception during that period in Brazilian historical context and his importance for the present pedagogical and philosophical educational debate that has been developed in Brazil.

Key words:

Anísio Teixeira; Philosophy of Education in Brazil; receptivity of Pragmatism in Brazil.

Resumen:

En este artículo, discutiremos la concepción de filosofía de la educación de Anísio Teixeira, extraída de las obras de ese autor producidas entre 1950 y 1960. Nuestro propósito es analizar la receptividad que tuvo esa concepción durante aquel periodo en el contexto histórico brasileño y su importancia para el actual debate pedagógico y filosófico educacional en Brasil.

Palabras claves:

Anísio Teixeira; Filosofía de la Educación en Brasil; receptividad del Pragmatismo en Brasil.

End.UNESP
Av. Higino Muzzy Filho, 737 - Campus
Universitário
17525-900 - Marília/SP
pagni@terra.com.br

Recebido em:21/12/2000
Aprovado em:04/02/2001